



**MANIFESTAÇÕES DE GÊNERO NA NARRATIVA BRASILEIRA  
CONTEMPORÂNEA E SUAS REPERCUSSÕES NO ENSINO DE LITERATURA:  
UMA ANÁLISE DA OBRA *ENFIM, IMPERATRIZ*, DE MARIA FERNANDA ELIAS  
MAGLIO**

**Gender Manifestations in Brazilian Contemporary Literature and their Repercussions  
on Teaching Literature: an Analysis of the Book *Enfim, Imperatriz*, by Maria Fernanda  
Elias Maglio**

Gabriella Chitolina Cardoso<sup>1</sup>

Cimara Valim de Melo<sup>2</sup>

*A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a  
possibilidade de vivermos dialeticamente com os problemas.*

Antonio Candido

**Resumo:** A literatura brasileira no cenário atual tem, cada vez mais, buscado representar indivíduos invisibilizados pela sociedade. Assim, destaca-se a contribuição de escritoras contemporâneas, muitas das quais têm abordado personagens subalternizadas e fomentado o debate sobre questões de gênero sob uma perspectiva decolonial. Entre elas está a escritora Maria Fernanda Elias Maglio, autora do livro de contos *Enfim, Imperatriz*, publicado em 2017 e vencedor do prêmio Jabuti no ano de 2018. Tomando como base a referida obra literária, o presente artigo objetiva analisar a maneira pela qual a autora retrata as relações de gênero e, mais especificamente, perceber como os contos “Viva em Maputo” e “Geni” representam a objetificação social, a violência e a própria (de)colonialidade. Em sua metodologia, a pesquisa, de abordagem qualitativa, contou com a análise bibliográfica para a investigação da narrativa brasileira do século XXI em termos teórico-críticos. Como resultados, percebe-se uma forte representatividade feminina na obra de Maglio, bem como a presença da objetificação social em diferentes contextos sociais retratados pelos contos, elementos que podem corroborar o trabalho docente e trazer repercussões positivas ao ensino de literatura, fomentando a leitura do mundo e o olhar atento acerca das relações de alteridade. A partir das análises, observa-se a necessidade da construção de uma educação minorizante, que aborde questões sociais da contemporaneidade pelo viés do indivíduo descentrado e culturalmente marginalizado, em um movimento de transgressão cultural frente às estruturas dominantes de poder.

---

<sup>1</sup> Estudante do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa Transnacionalidades: literatura brasileira contemporânea e(m) tradução. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8231-0974>. Contato: gabichitolina03@gmail.com

<sup>2</sup> Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Doutora em Letras (UFRGS), com pós-doutorado pelo King's Brazil Institute (KCL). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1145-3438>. Contato: cimara.valim@gmail.com.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira contemporânea. Decolonialidade. Gênero. Educação minorizante.

**Abstract:** In the current scenario, Brazilian literature has increasingly sought to represent individuals who are made invisible by society. In this perspective, contemporary women writers have played an important role by contributing to the purpose of approaching subalternized characters and feeding the debate about gender issues through a decolonial view. Amongst them, there is Maria Fernanda Elias Maglio, author of the book of short stories *Enfim, Imperatriz*, published in 2017 and winner of the Jabuti award in 2018. Based on the aforementioned literary work, this article aims to analyze the way in which the author portrays gender relations and, more specifically, to understand how the short stories “Viva em Maputo” and “Geni” represent social objectification, violence and (de)coloniality itself. In methodological terms, the research, with a qualitative approach, relied on the bibliographic analysis for the investigation on the 21st century Brazilian narrative in theoretical and critical terms. As a result, there is a strong female representation in Maglio’s work, as well as the presence of social objectification in different social contexts portrayed by the stories, elements that can corroborate the teaching work and bring positive repercussions to the teaching of literature, encouraging the reading of the world and the attentive look at the relationships of otherness. From the analysis, it is possible to observe the need to build a minorizing education, which addresses contemporary social issues through the bias of the decentralized and culturally marginalized individual, in a movement of cultural transgression in front of the dominant structures of power.

**Keywords:** Contemporary Brazilian Literature. Decoloniality. Gender. Minoritizing education.

## 1 Introdução

A contemporaneidade traz consigo novas visões e questionamentos referentes a questões sociais como gênero, raça, sexualidade, religião e classe. Essas problemáticas têm sido cada vez mais abordadas no cotidiano, havendo assim um forte eco social responsável por trazê-las para os universos literário e acadêmico. Elas carregam em si aspectos da decolonialidade, a qual, para o semiólogo argentino Walter Mignolo (2017, p. 13), é a resposta para as falácias e as falsas promessas de progresso contempladas pela modernidade. Dessa forma, a literatura brasileira contemporânea tem refletido acerca de formas de pensamento enraizadas às estruturas sociais, trazendo consigo pautas referentes a desigualdade social, violação de direitos humanos e desrespeito à diversidade cultural. Assim, a literatura abre espaços para que grupos marginalizados sejam ouvidos e age em prol do pensamento decolonial, visto por Renata Rafaela Borges da Silva (2020a, p. 15) como “comprometido com a igualdade e a justiça social, levando à reflexão acerca dos pensamentos e atitudes dos padrões já consagrados pelas sociedades dominantes”.

Uma literatura decolonizante preocupa-se em abordar perspectivas do indivíduo descentrado, culturalmente apagado ou censurado pela literatura colonial canônica. Tal noção faz com que espaços e indivíduos periféricos e subalternizados estejam em pauta, trazendo uma maior representatividade social à narrativa. Neste contexto de decolonialidade representado pelo literário, tem se tornado recorrente a presença de escritoras interessadas em abordar questões antes esquecidas, ocultas ou apagadas na/pela literatura, ao mesmo tempo em que surgem leitores(as) cada vez mais ávidos(as) por leituras que retratam a sociedade de forma pungente e que tragam para o centro do debate a diversidade como algo real, presente

na sociedade, a moldar experiências individuais e coletivas. Dessa forma, a produção contemporânea ganha destaque no cenário atual, visto que abre espaço ao desenvolvimento de uma literatura comprometida com a humanização e torna-se, como destaca Antonio Candido (2004, p. 175), um “instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo”.

É com esse local de fala que surge a literatura de Maria Fernanda Elias Maglio – escritora premiada e defensora pública no estado de São Paulo.<sup>3</sup> Em seu livro de contos, *Enfim, Imperatriz*, lançado no ano de 2017 e ganhador do prêmio literário Jabuti no ano de 2018, a autora traz à tona histórias com uma forte variedade de espectros, os quais estão aliados a críticas sociais, representadas em enredos que envolvem relacionamentos amorosos, distopia, e, acima de tudo, diferentes papéis ocupados pela mulher na contemporaneidade.

A obra *Enfim, Imperatriz* apresenta uma série de contos que, de diferentes maneiras, abordam questões de gênero na contemporaneidade. Dessa forma, este estudo tem o intuito de analisar como a autora retrata as relações de gênero em suas narrativas. Para isso, primeiramente; busca observar a presença do feminino nos papéis de narradora e protagonista; a seguir, quer compreender como os contos “Viva em Maputo” e “Geni” retratam a objetificação social e materialidade do feminino como um problema social em um espectro global ao longo do enredo.

Para tal análise, a pesquisa contou com uma abordagem qualitativa, tendo por ponto de partida dados coletados em 2019 pelo projeto “Transnacionalidades: Literatura Brasileira Contemporânea e(m) Tradução (IFRS)” com relação a autores(as) premiados e (não) traduzidos para a língua inglesa no século XXI, bem como à posição ocupada por mulheres escritoras entre autores premiados e traduzidos. Com base em sua finalidade, este trabalho priorizou uma metodologia que envolvesse a pesquisa bibliográfica, pela qual se buscou investigar a narrativa brasileira do século XXI em termos teórico-críticos.

A partir do estudo literário proposto, busca-se perceber a importância do literário a um ensino transgressor, que subverta as relações de poder dentro das instituições acadêmicas e oportunize novos mecanismos de representatividade social – aqui chamado de educação minorizante. Tomando como ponto de partida o conceito de tradução minorizante de Lawrence Venuti (1996), tem-se como proposta uma reflexão sobre o ensino de literatura brasileira contemporânea, vista aqui como veículo de problematização, resistência e reexistência a partir de espaços proporcionados para que diferentes vozes sejam ouvidas e valorizadas.

## 2 O papel da narração como fonte de representatividade em *Enfim, Imperatriz*

As narrativas que compõem a obra *Enfim, Imperatriz*, de Maria Fernanda Maglio, conferem papéis de protagonismo a personagens femininas. Dos dezessete contos apresentados pela autora, onze são protagonizados por mulheres, o que demonstra a sua posição de destaque na produção de Maglio, em seus diversos espectros socioculturais. Tais representações refletem relações do indivíduo com a sociedade, podendo ser variáveis e determinadas por relações de poder (ROSSINI, 2016, p.100). Essa variedade de representações faz com que se torne possível a visualização do corpo feminino em contextos distintos, removendo-o do seu papel socialmente imposto de mulher submissa e devota ao homem e aos filhos. Para Rossini (2016, p. 101), com a produção literária de autoria feminina,

<sup>3</sup> Livros publicados: *Enfim, Imperatriz* (2017), vencedor do Prêmio Jabuti na categoria contos; *179. Resistência* (2019), vencedor do vencedor do Prêmio Alphonsus de Guimaraens de Poesia da Biblioteca Nacional; *Você me espera para morrer?* (2020)

as personagens ganharam o direito à voz, tornando-se, não raro, narradoras e, como tal, passaram a representar experiências femininas que se distanciam da perspectiva hegemônica masculina.

Nesse sentido, a narrativa em primeira pessoa assume maior poder de expressão dentro da obra, conferindo destaque ao ‘eu’ nela representado. Cabe ao narrador definir por qual perspectiva a história será contada e como cada personagem será definida dentro da trama. Como traz Luana Teixeira Porto (2017, p. 216), a narração em primeira pessoa tem o papel de subjetivar a narrativa, conduzindo o(a) leitor(a) a registrar uma visão da personagem e, assim, espelhar vivências e representações coletivas. Com isso, percebe-se como o ato de trazer a representatividade para a narração pode ser uma forte ferramenta de autoidentificação dentro da narrativa. No caso de Maglio, a narração em primeira pessoa é constantemente utilizada como forma de representar a subjetividade atribuída às personagens. Dos dezessete contos, onze são narrados em primeira pessoa, e, destes, sete são narrados por mulheres. A presença de uma narradora na obra faz com que a personagem possa ser vista de forma mais verossímil, sem o ‘olhar ilusório’ do masculino.

## 2.1 Viva em Maputo

O conto “Viva em Maputo” retrata a história de Joseli Maria de Lima, um frentista que lê no jornal o estupro seguido de um feminicídio de uma gasoleira na cidade de Maputo, capital de Moçambique. Para Carlos Magno Gomes (2015, p.201), o feminicídio se refere a uma violência motivada por questões simbólicas e normas coletivas, as quais se encontram inseridas em um contexto de masculinidade hegemônica, definida como uma “configuração de gênero que incorpora a resposta atual aceita para o problema da legitimidade do patriarcado garantindo a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres” (CONNEL *apud* GARCIA, 1998, p.46). Após ler a notícia, a protagonista se vê estranhamente representada no corpo daquela mulher.

A morte do jornal era vermelha. E era eu. Não, eu não estava morta. Viva como toda gente viva, fazendo bico de frentista no posto do seu Leomar. Velho porco que mantinha na minha bunda os olhos, e às vezes as mãos. A foto estava morta, a foto era eu. (MAGLIO, 2017, p.75)

Essa representação trabalhada pela autora carrega o peso não só do ser feminino, mas também revela a autorrepresentação da mulher negra como alvo de violência e objetificação do seu corpo e de sua sexualidade, atreladas a concepções racistas reproduzidas (QUEIROZ; TEIXEIRA, 2017, p. 5) pelo patriarcado e pela branquitude. Isso se remete à concepção do corpo negro como objeto material de prazer (FROZ; SANTOS, 2015, p. 164), fruto de uma colonização escravista e hegemônica, que pregava a miscigenação como forma de embranquecer e, assim, “melhorar” a sociedade. A título de exemplo, percebe-se, a partir de dados coletados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que, enquanto houve um decréscimo nas taxas de homicídio de mulheres não negras entre os anos de 1997 e 2017, houve um crescimento nessa mesma taxa para as mulheres negras (IPEA, 2020). Tais dados comprovam a situação de subalternidade e vulnerabilidade da mulher negra na sociedade brasileira contemporânea, cuja condição é capturada pelas lentes narrativas de Maglio.

Com isso, a narradora, protagonista da trama, passa a se entender como uma mulher morta e a refletir acerca da causa e das motivações que a levaram à morte. Nesse ponto, a autora promove uma reflexão acerca da maternidade, mesmo considerando um cenário de estupro e violência, trazendo à tona a violência simbólica, pela qual, mesmo considerando o

cenário de estupro e feminicídio sofridos pela gasoleira, a noção de maternidade, que constitui a imagem feminina historicamente, ainda se reflete. Nesse sentido, em sua análise sobre o contemporâneo, Tiburi (2018, p. 105) traz à tona as palavras gregas *pólis*, cidade-Estado, e *óikos*, território da casa – "o primeiro é reservado aos homens e o segundo, às mulheres, aos escravos e aos animais", o que demonstra o lugar minoritário por elas ocupado, geralmente vinculado ao papel de reprodutora. "No espaço da casa, há o trabalho, a procriação e a sustentação organizada da vida. Essa separação entre público e privado coloca homens e mulheres (e escravos e animais) em mundos separados" - segregação que a sociedade contemporânea ainda reproduz. Assim, pode-se perceber como Maglio aborda a maternidade compulsória que envolve o ser feminino e a constante presença dessa questão no cotidiano das mulheres.

Eu estava morta no instante em que ele gozou? O monstro? Primeiro me abriu a barriga com a lâmina da faca e depois empalou meu corpo morto? Ou gozou no meu útero vivo, prometendo descendentes da minha miséria? Torceu a faca na minha barriga no momento em que a genética dele se misturava com a minha (preta, pobre, frentista, mulher) abortando meu filho quase concebido? (MAGLIO, 2017, p.76)

A narrativa ainda aborda a globalização da violência contra a mulher ao representar a diferença espacial entre Rio de Janeiro e Maputo. Tal diferença demonstra que, até mesmo em continentes diferentes, a figura da mulher se mantém enquanto papel de objetificação e alvo de violência, considerando as duas vozes opressoras do conto, o assassino, desconhecido na narrativa, e Seu Leomar, chefe de Joseli. Ao se abordar a violência contra a mulher não como um ato isolado, mas a partir de um contexto coletivo global, percebe-se a amplitude dessa questão como um problema humanitário e transcontinental.

Eu violada  
Ela violada

Eu Rio de Janeiro  
Ela Maputo  
(MAGLIO, 2017, p.74)

Ao longo dos primeiros parágrafos do conto, a protagonista lida com a descoberta de sua morte e reflete, pela incidência do duplo na narrativa, sobre como se sente ao empreender outro tempo-espaço, pensando com certa melancolia sobre sua vida e sua morte. "Acendi um cigarro em pesar da minha morte e em louvor à minha vida. Estava morta em Maputo. Onde quer que fosse isso." (MAGLIO, 2017, p.76). A personagem, agora duplicada, torna-se, paradoxalmente, uma amálgama de duas vidas, ao mesmo tempo tão próximas e diferentes.

No entanto, com o desenvolvimento da narrativa, esse sentimento abandona seu ar melancólico e se transforma em raiva intensa, em um impulso desesperado por justiça. Joseli deixa de se perceber como uma mulher assassinada em Maputo e começa a se entender como estando viva no Rio de Janeiro. Sua sobrevivência significava a sobrevivência do seu eu em Maputo, e é com essa concepção que ela decide voltar à vida e lutar contra seu agressor: "Eu estava viva. Se não era passado, eu temia que fosse futuro. Que o destino sacana pudesse estar me designando barriga aberta e sexo transgredido. Se o monstro ainda não tinha me matado e empalado, eu matava e empalava o monstro." (MAGLIO, 2017, p. 77)

No dia seguinte, ela, viva, vai ao encontro de Seu Leomar com o intuito de finalmente se vingar por tudo que ele fez por ela e pelo seu eu em Maputo. Seu Leomar, nesse momento, deixa de ser um indivíduo, passando assim a representar a masculinidade como um todo.





### 3 A objetificação do corpo feminino em “Viva em Maputo” e “Geni”

Ambos os contos, “Viva em Maputo” e “Geni”, retratam, de diferentes formas, a objetificação do feminino. No primeiro, percebe-se o papel do corpo da gasolneira como objeto de prazer momentâneo de seu assassino. A violência causada a ela se torna insignificante ao ser comparada às necessidades do seu agressor. No conto “Geni”, a personalidade da protagonista já era vista como insignificante na perspectiva da sua cidade, vista a função social ocupada. Com a chegada do homem rico, há uma transformação em termos de importância dada à prostituta, pois, de um ser secundário, torna-se centro de interesse político na cidade, ou seja, objeto de troca. Assim, a sua individualidade, tal qual sua vontade, já não tem mais valor. Em seu papel de objeto de satisfação do outro, quando ela se recusa a reprimir seus princípios, a protagonista é violada da forma mais violenta e repudiável possível.

Nos contos analisados, é possível perceber como a autora retrata em sua obra territórios de subalternidade, demonstrando o papel representado pelo feminino dentro da narrativa. Tais representações de materialidade do ser feminino fazem parte da Teoria da Objetificação (FREDRICKSON; ROBERTS, 1997, p. 175), que elucida o papel da objetificação de mulheres na sociedade e como ela pode representar riscos à saúde mental das que são sexualizadas. Para os autores, a objetificação elucida o papel das mulheres como corpos usados para satisfazer o prazer de outros: “when objectified, women are treated as bodies – and in particular, as bodies that exist for the use and pleasure of others”.

A objetificação sexual, expressa em ambos os contos, se refere ao momento em que o corpo de uma mulher é separado da sua individualidade e é visto apenas como um objeto inanimado cujo único papel é suprir os desejos sexuais masculinos (BARTKY *apud* SZYMANSKI; MOFFIT; CARR, 2011, p.8). Na trajetória das protagonistas, essa questão é levantada através de personagens na história: no conto “Viva em Maputo”, por exemplo, a objetificação do feminino e o assédio sexual são observados a partir de duas personagens. A primeira, desconhecida, é o assassino da gasolneira em Maputo. Essa figura é responsável por demonstrar os extremos da violência contra a mulher. Já a segunda, Seu Leomar, representa uma figura assídua no cotidiano da maioria das mulheres: um homem hierarquicamente superior na relação funcionários/chefe, que se utiliza desse poder para assediar suas funcionárias sem que elas se pronunciem a respeito. Tal relação hierárquica dentro do ambiente de trabalho faz com que diversas mulheres não denunciem os abusos sofridos, pelo medo do desemprego ou por acreditarem que ninguém confiaria em suas palavras – abusos denunciados pela literatura de Maglio.

Já o conto “Geni” problematiza a objetificação de modo explícito, produzindo uma narrativa que traz em si a resistência de gênero. A protagonista, ao tomar uma decisão, vê-se deslegitimada pelos moradores de sua cidade frente à defesa de seu livre-arbítrio. Seus motivos foram ignorados, e seu corpo deixou de pertencer-lhe. O corpo de Geni passou a ser visto como um objeto de domínio pela cidade, com o qual os cidadãos podiam fazer o que desejassem. Ela passou a ser tratada como apenas um objeto validado pelo uso que os outros fizessem dele, objeto este que, segundo Fredrickson e Roberts (1997, p. 174), é indissociável de seu contexto sociocultural e se torna veículo de opressão de gênero quando sofre a objetificação sexual, denunciada pelo conto. Ele descortina o machismo, não como algo pontual de um indivíduo específico, mas como parte de um mecanismo de dominação do Estado, que corrobora o abalo das subjetividades do ser feminino. Para Assunção de Maria Sousa e Silva, “Os atos de violência do sujeito masculino sobre o feminino repercutem das estratégias e mecanismos de dominação do Estado, abalando, em maior medida, as

subjetividades do ser feminino” (SILVA, 2020b, p.133). Dessa forma, é possível perceber o efeito das estruturas sociais como difusoras de ideais machistas que perpetuam estereótipos e violências dentro de nossa sociedade.

#### 4 Literatura minorizante como perspectiva de ensino

Heloísa Buarque de Hollanda (2018, p.12) percebe a existência de uma nova geração política, na qual se inclui a luta feminista, com organização específica e em busca de equidades sociais. Uma geração “com estratégias próprias, criando formas de organização [...] autônomas, desprezando a mediação representativa, horizontal, sem lideranças e protagonismos”, “valorizando mais a ética do que a ideologia, mais a insurgência do que a revolução”. Tal constatação revela a ascendência de demandas na luta feminina, bem como uma maior necessidade de abordar questões de gênero em espaços de aprendizado, como o da sala de aula, seja em contexto físico ou virtual. Nesse sentido, trazer para o debate narrativas problematizadoras dessas questões torna-se fundamental, haja vista o papel transformador da literatura, que “humaniza em sentido profundo, porque faz viver.” (CANDIDO, 2004, p. 176)

Com base nas relações produzidas entre a interculturalidade crítica e a construção de uma pedagogia decolonial (WALSH, 2009), observa-se, na literatura brasileira contemporânea, um território profícuo para a transformação do sujeito e a reflexão crítica. Por meio de um olhar transgressor, que visualize a produção não canônica como espaço de identificação e resistência, é mister oportunizar ao estudante de literatura uma leitura mais ampla do mundo e, conseqüentemente, um maior interesse pelo conteúdo a ser desenvolvido, proporcionando uma aprendizagem significativa que parta dos textos literários.

Nesse sentido, a ‘literatura minorizante’ – na esteira dos estudos de Venuti (1996) acerca de tradução minorizante<sup>6</sup> – pode ser considerada forte aliada à formação leitora e cidadã. Chega-se, assim, à concepção de educação minorizante, pela qual questões subalternizadas podem ser representadas dentro do ambiente escolar, de forma que seja possível a criação de um espaço favorável à reflexão e à autocrítica, em uma proposta transversal de ensino que tome como base o letramento literário. Em seu livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, o sociólogo e filósofo Edgar Morin (2000, p. 97) aborda as pré-concepções e a incapacidade de autocrítica como causas a tantas formas de incompreensão e intolerância. Percebe-se, portanto, a necessidade de uma educação que lide com questões socioculturais de forma aberta e enfática, produzindo mecanismos para o desenvolvimento de uma sociedade mais empática e engajada.

Nesse contexto, a autoidentificação torna-se um fator relevante dentro de uma proposta de educação minorizante, gerando leitores(as) mais interessados(as) e presentes dentro do processo literário e, conseqüentemente, mais suscetíveis a uma maior compreensão do mundo em termos estéticos e ideológicos. Por esta perspectiva, Luís Augusto Fischer (2011, p. 47) aponta que os livros “precisam do leitor que, em seu interior, sem ninguém outro para impor ritmo ou restrição, vai conectar informações, sensações, memórias, afetos, tudo isso e muito mais, e assim exercer sua prerrogativa humana de pensar construindo sentido”. À vista disso, é perceptível a necessidade do trabalho com textos literários que problematizem

---

<sup>6</sup> Lawrence Venuti tem, em seu projeto de tradução minorizante, uma visão subversiva e ética da linguagem, pela qual são questionados processos de hegemonia cultural e relações desiguais de poder, dando voz a novos padrões e conferindo espaço a produções para além do cânone, nas quais são valorizadas a assimetria e a heterogeneidade (VENUTI, 1996, p. 92-93). Paralelamente, o ensino de literatura a partir de uma perspectiva de tradução minorizante confere protagonismo a autores e obras não canônicos do sistema literário, com vistas à problematização da dicotomia centro x periferia e à valorização de diferentes lugares de fala, nos quais estão incluídas as relações de gênero e a visão des-hegemonizante dos estudos literários.

questões de gênero, trazendo uma representação mais verossímil da realidade – a exemplo da obra de Maglio. Aciona-se, desse modo, o literário em seu caráter humanizador, em busca de uma educação insurgente, emancipatória, cujos princípios estejam calcados no pensamento decolonial.

Para Paulo Freire (1989, p.9), o ato de ler ultrapassa a esfera da linguagem e envolve a leitura do mundo, com suas mazelas e subjetividades: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.” Com isso, o papel da leitura crítica e das relações entre o texto literário e o contexto histórico-social que o envolve torna-se essencial ao planejamento docente, tendo em vista sua posição de mediador(a) da aprendizagem pelos textos que seleciona, pelas atividades e estratégias propostas e pelas reflexões fomentadas em espaços físicos e virtuais de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, Freire destaca a relevância da práxis pedagógica à transformação social: a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através da prática consciente.

A professores(as) de literatura, cabe também a mudança de paradigmas em relação à dicotomia qualidade x quantidade quando o assunto é leitura. Freire já havia alertado para o efeito negativo da visão mágica da palavra escrita e a necessidade de leituras significativas a estudantes para além do número de páginas lidas.

Creio que muito de nossa insistência, enquanto professoras e professores, em que os estudantes “leiam”, num semestre, um sem-número de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler. [...] A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. A mesma, ainda que encarnada desde outro ângulo, que se encontra, por exemplo, em quem escreve, quando identifica a possível qualidade de seu trabalho, ou não, com a quantidade de páginas escritas. (FREIRE, 1989)

É, portanto, tarefa docente a promoção de espaços qualitativos de leitura e reflexão em prol do letramento literário e da formação cidadã – propósito que conduz à educação minorizante, à qual se associa a perspectiva decolonial. Quando um(a) estudante é instigado(a) ao confronto decolonizador por meio de textos literários que evoquem uma diversidade de lugares de fala (RIBEIRO, 2020), ampliam-se sua criticidade, sensibilidade e autonomia em relação ao mundo. É justamente essa sensibilidade que, de acordo com Freire (2000, p.60), precisa ser perseguida na luta por um mundo mais justo e livre: “Seria horrível se apenas sentíssemos a opressão, mas não pudéssemos imaginar um mundo diferente, sonhar com ele como projeto e nos entregar à luta por sua construção. [...] A liberdade não se recebe de presente, é bem que se enriquece na luta por ele [...]”.

Ao encontro das questões levantadas por Freire (1989, 2000), a literatura brasileira tem se constituído como território permanente de lutas e de resistência ao longo das últimas décadas, de modo especial quanto a questões étnico-raciais e de gênero. Cada vez mais, observam-se escritores e escritoras engajados com os direitos humanos e a democratização da cultura, abrindo, por sua vez, espaços de fala a minorias diversas, que incluem a mulher e a subversão dos papéis sociais a ela conferidos pela tradição patriarcal. Isso contribui ao que Mignolo (2008, p. 137) chama de ‘mudança nos termos da conversa’: “Decolonial being, thinking, and doing begin from disrupting these assumptions and the naturalization of death.



subjetiva, tendo em vista que condições semelhantes de violação de direitos são percebidas mesmo em continentes distintos – América e África, Brasil e Moçambique, Rio de Janeiro e Maputo. Uma foto e uma notícia desencadeiam um momento epifânico na narradora – “preta e pobre” (MAGLIO, 2017, p. 75) – e, por conseguinte, influenciam em suas ações rumo ao desfecho da narrativa. O conto, de apenas seis páginas, coloca em prática o ingrediente da intensidade, presente nas teorias do conto de Edgar Allan Poe (1985) e Julio Cortázar (2006), cujos textos também merecem ser explorados, no todo ou em parte, em sala de aula, para uma melhor compreensão do gênero. A tensão que acompanha a narrativa pode ser abordada didaticamente, a fim de que sejam discutidas, a partir dela, questões relativas à violência enraizada a um mundo ainda preso ao patriarcalismo colonial. Maglio abre caminho, assim, a mulheres em situação de vulnerabilidade, socialmente ignoradas, mas muito presentes nas estatísticas registradas no Atlas da Violência (IPEA, 2020), em especial quando se fala de violência contra mulheres negras.

De extensão e intensidade semelhantes, o conto “Geni” aborda a violência de gênero pelo viés da prostituição. Geni, aqui conhecida a partir de uma narrativa em terceira pessoa, atua como objeto de satisfação de uma cidade inteira; contudo, é pelo seu corpo que ela mesma resistirá a uma existência de violação e ao apagamento enquanto sujeito frente a uma sociedade sexista e cruel. A descrição da personagem é um elemento importante a ser analisado, visto que escancara a sua condição subalterna: “não tinha carteira de identidade e nem certidão de nascimento, de modo que nem mesmo ela sabia ao certo quantos anos tinha e nem o dia exato de seu aniversário” (MAGLIO, 2017, p. 102). Novamente, a obra de Chico Buarque está presente como intertexto na abertura do conto, e as relações entre Música Popular Brasileira (MPB) e literatura tornam-se caminhos possíveis em termos pedagógicos, em especial pelo modo como fazem resistência às injustiças sociais. Geni resiste pelo silêncio – “Diante do silêncio resistente da moradora de calças compridas os pedidos deram lugar às ofensas [...]. Ela resistiu.” (MAGLIO, 2017, p. 105-106). O conto, todavia, à semelhança da canção “Geni e o Zepelim”, é um grito de recusa e transgressão, uma “forma de resistência simbólica aos discursos dominantes”, pelo qual se percebe ora a recuperação do sentido comunitário perdido, ora a melodia dos afetos em plena defensiva, ora a crítica da desordem estabelecida, como sugere Alfredo Bosi (1977, p. 144).

Tais mecanismos de resistência, seja no conto de Maglio, seja na canção de Buarque ou na crítica de Bosi, podem ser amplamente explorados em espaços de ensino-aprendizagem de língua e literatura, levando-se em conta a formação leitora e o desenvolvimento do letramento literário. Enquanto ‘outro’ que testemunha a violação de Geni, o(a) leitor(a) é colocado(a) à prova: é a ele(a) que Geni pede humanidade. Assim, a narrativa pode ser lida como instrumento de denúncia da exploração sexual sob a ótica de minorias caladas por uma sociedade cujos valores variam conforme a posição social ocupada pelo indivíduo. As conexões entre a Geni de Chico Buarque e a de Maria Fernanda Maglio são possibilidades para o trabalho em sala de aula, tanto em meio físico quanto remoto. Quando discentes a leem e refletem sobre a exploração pelo olhar de minorias exploradas, abrem-se janelas para a leitura do mundo e o questionamento de mazelas que têm assolado o tempo presente.

Se, por um lado, é necessário levar em consideração a faixa etária discente para o trabalho com textos literários que representam violências diversas, por outro urge fomentar os direitos e objetivos de aprendizagem vinculados ao desenvolvimento de estudantes, tal como expresso nas competências da BNCC do Ensino Médio (BRASIL, 2018, p.4, grifo nosso):

VII - Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, **pontos de vista e decisões comuns, que respeitem e promovam os direitos humanos**, a consciência socioambiental e o consumo



subalternizado” e com uma hierarquia violenta, calcada na lógica perpetuadora da injustiça social. Esses novos olhares trazem à tona as manifestações de gênero, suas possibilidades de representação das diferenças, de identidades individuais e coletivas, ampliando as perspectivas acerca do ser feminino, em contraste com as concepções e os preconceitos trazidos pela masculinidade hegemônica à sociedade brasileira contemporânea.

As análises dos contos “Viva em Maputo” e “Geni” buscaram identificar como Maglio reflete, por meio da representação de papéis conferidos à mulher, a realidade social e as lutas cotidianas enfrentadas na busca pela igualdade de gênero. A partir do estudo realizado, foi possível observar modos de abordagem da materialidade e da objetificação do corpo feminino na literatura brasileira do século XXI. Por exemplo, percebe-se, no conto “Viva em Maputo”, como a violência contra a mulher está ainda engendrada a práticas sociais cotidianas e se insere em nível global. Ao abordar a história de duas mulheres em países diferentes e retratar similaridades entre elas, como a cor da pele e a classe social, a autora constrói um ambiente de forte representação do corpo e expressa a globalidade do machismo e da violência. Já o conto “Geni”, ao ter como protagonista uma prostituta desrespeitada em sua liberdade sexual, representa a violência contra a mulher a partir da combinação entre marginalização e exploração sexual, incorporando discursos machistas ao longo do texto para, então, resistir à visão da mulher como um ser objetificado. Tal resistência intensifica-se pelo retrato da animalização do ser, que limita a liberdade e afronta a dignidade humana no momento em que a vontade do outro reproduz as estruturas patriarcais do Estado.

Por fim, nota-se a importância de que narrativas como as encontradas em *Enfim, Imperatriz* estejam presentes não apenas no sistema literário atual, mas também no ambiente educacional, como um mecanismo de (auto)identificação e representação das diferenças, formando indivíduos mais empáticos, críticos e envolvidos socialmente. Para Candido (2004, p. 186), a literatura, em sua luta pelos direitos humanos, “pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles”. É justamente aí que entra a perspectiva da educação minorizante, pela qual se faz possível promover, sob um olhar decolonial, a humanização, caracterizada por traços considerados essenciais, como “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres” (CANDIDO, 2004, p. 180).

Ao proporcionar que diferentes vozes sejam ouvidas e valorizadas, a literatura brasileira contemporânea favorece a ressignificação da vida em condições de dignidade, ou seja a reexistência de que fala Mignolo e Walsh (2018) – e, por isso mesmo, ações de promoção dos letramentos literário e crítico nunca foram tão necessárias. A problematização e a reflexão acerca das manifestações de gênero na literatura, como parte dessa diversidade a ser explorada em sala de aula, contribuem não apenas à formação de leitores(as) críticos(as), mas também ao desenvolvimento de indivíduos mais conscientes e atuantes no meio em que vivem, como prevê a BNCC (BRASIL, 2018), com posicionamento ético, respeito aos direitos humanos, valorização da diversidade de saberes, identidades e culturas, sem preconceitos ou intolerâncias.

## 5 Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), pelo qual as autoras agradecem.



## Referências

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, USP, 1977.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Diário Oficial da União**, Brasília, 08 ago. 2006, p. 1. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=11340&ano=2006&ato=4b0gXTU5kMRpWT5c7>. Acesso em: 10 maio 2021.

BRASIL. Resolução CNE/CP 4/2018. **Diário Oficial da União**, Brasília, 18 dez. 2018, p. 120 a 122. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2018-pdf/104101-rcp004-18/file>. Acesso em: 05 mar. 2021.

BUTLER, J. Contingent foundations: Feminism and the question of ‘postmodernism’. In: SEIDMAN, S. (ed.). **The Postmodern Turn: New Perspectives on Social Theory**. Cambridge: Cambridge University, 1994. p. 153-170.

BUARQUE, Chico. **Geni e o Zepelim**. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (5.36 min). Publicado pelo canal Biscoito Fino. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jWHH4MlyXQQ>. Acesso em: 19 mar. 2021.

BUARQUE, Chico. O tempo e o artista: A canção, o rap, Tom e Cuba, segundo Chico. [Entrevista cedida a]o enviado especial a Roma e a Paris. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 dez. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2612200408.htm>. Acesso em: 14 maio. 2021.

BUARQUE, Chico. **Porque era ela, porque era eu**. Rio de Janeiro: Marola Edições Musicais, 2006. Disponível em: [http://www.chicobuarque.com.br/letras/porqueeraela\\_06.htm](http://www.chicobuarque.com.br/letras/porqueeraela_06.htm). Acesso em: 14 maio. 2021.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-192.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: **Valise de cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DUNDER, Juliana Silva *et al.* De vilã a heroína: contextualizando o estudo de gênero com a música “Geni e o Zepelim”. **Anais XI CONAGES...** Campina Grande: Realize, 2015. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/10572>. Acesso em: 14 mar. 2021.

FREDRICKSON, Barbara L.; ROBERTS, Tomi-Ann. Objectification theory: Toward understanding women’s lived experiences and mental health risks. **Psychology of Women Quarterly**, n. 21, p. 173-206, 1997. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/258181826\\_Objectification\\_Theory\\_Toward\\_Understanding\\_Women%27s\\_Lived\\_Experiences\\_and\\_Mental\\_Health\\_Risks](https://www.researchgate.net/publication/258181826_Objectification_Theory_Toward_Understanding_Women%27s_Lived_Experiences_and_Mental_Health_Risks). Acesso em: 06 mar. 2021.

FISCHER, Luís Augusto. **Filosofia mínima: ler, escrever, ensinar, aprender**. Porto Alegre: Arquipélago, 2011.





